FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA

CURSO DE LETRAS

ANA LÚCIA DAS GRAÇAS MONTEIRO

ELENICE ALMEIDA MEDEIROS



DAS IMPOSIÇÕES NATURAIS À MISÉRIA NATURALIZADA:

uma análise crítico-social da obra ***Vidas Secas*** de Graciliano Ramos

Chapadinha – MA
2012

ANA LÚCIA DAS GRAÇAS MONTEIRO

ELENICE ALMEIDA MEDEIROS

DAS IMPOSIÇÕES NATURAIS À MISÉRIA NATURALIZADA:

uma análise crítico-social da obra ***Vidas Secas*** de Graciliano Ramos

Monografia apresentada ao curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Antonio Aílton Santos Silva

Chapadinha - MA
2012

ANA LÚCIA DAS GRAÇAS MONTEIRO
ELENICE ALMEIDA MEDEIROS

Monografia apresentada ao curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em:__/__/__

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Ms. Antonio Aílton Santos Silva
Orientador

_____
2º examinador

_____
3º examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso refúgio e força, onde sempre encontramos respostas para os nossos problemas. Pois só Ele é digno de toda honra, glória e louvor.

Às nossas famílias que foram as bases de nossa formação pelo amor e apoio de sempre.

A todos os professores pelo conhecimento, carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do nosso curso.

Aos nossos amigos e colegas do curso.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de nossa formação, o nosso muito obrigado.

“O Brasil não é um país exatamente pobre, mas um país com muitos pobres”.

André Lahóz, jornalista da revista Exame

RESUMO

O presente ensaio monográfico anseia demonstrar como a sórdida realidade vivida pela maioria da população brasileira, mais especificamente da Região Nordeste, é representada na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. O nordestino é caracterizado, neste romance, pela subserviência ao patrão e pela incapacidade de, por si mesmo, crescer social, econômica e intelectualmente, vivendo um ciclo de miséria e abandono social. Graciliano, nordestino, na verdade retratava a realidade que o cercava, e escolhe como personagem principal desse romance também um nordestino sertanejo. Embora a obra *Vidas Secas* tenha sido escrita em 1938, continua atual, pois a realidade no Nordeste pouco mudou, no que se refere à pobreza, à miséria e ao abandono social. A obra de ficção nos remete a um problema social – inclusive educacional – que, embora tenha avançado a passos largos no sentido de solucioná-lo, grande parte da população socioeconomicamente desfavorecida, tal como as personagens do romance, ainda sofrem abandono, abusos e desmandos.

Palavras-chaves: Nordestino. Graciliano Ramos. Romance. *Vidas Secas*. Abandono social.

ABSTRACT

This essay looks forward monographic show how the sordid reality experienced by most of the population, especially from the northeast, is represented in the work lives of dried Graciliano Ramos. The Northeast is featured in this novel, by subservience to the boss and the inability in himself, to grow socially, economically and intellectually, living a cycle of poverty and social neglect. Graciliano, northeastern actually portrayed the reality around him and had as its main character, the frontiersman. Although the novel was written Lives dry long ago, it continues today, because reality has changed little in the northeast with respect to poverty, misery and social abandonment. The fictional leads on a social problem - education - which, although it improved by leaps and bounds in order to solve it, much of the population socioeconomically disadvantaged, as well as the novel's characters suffer abuses and excesses by their employers.

Keywords: Northeast. Graciliano Ramos. Novel. Barren Lives. Social abandonment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 08
2. AS RELAÇOES ENTRE A LITERATURA E AS REALIDADES HISTÓRICO-SOCIAIS 10
3. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DA SEGUNDA FASE DA LITERATURA MODERNISTA NO BRASIL 13
4. CONHECENDO "*VIDAS SECAS*" 16
4.1. O autor 16
4.1.1. A linguagem característica/narrativa de Graciliano Ramos 17
4.2. A obra *Vidas Secas* e sua linguagem 19
5. A REPRESENTAÇAO CRÍTICA DA CONDIÇAO EXISTENCIAL E SOCIAL DO NORDESTINO EM *VIDAS SECAS* *23*
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 26
REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

É notório que são inúmeros os problemas sociais no Brasil. Dentre eles, podemos destacar a desigualdade social, a violência, a fome e a pobreza. Estes se acentuam ainda mais no que tange à Região Nordeste.

A situação de pobreza em que vive a maioria da população nordestina é agravada pelas intempéries climáticas e pela instabilidade econômica em que essa população se encontra, bem como pela perda da lavoura e do rebanho em função da seca, somada à falta de trabalho. Com isso, os trabalhos assalariados temporários e a inconstância do tempo resultam em condições subumanas a esses brasileiros que, em sua maioria, são analfabetos, o que os torna de fácil manipulação e submissão. O cúmulo dessa situação é o fato estabelecido de que a Região Nordeste configura-se como um celeiro eleitoral para políticos populistas.

Graciliano Ramos, na época em que escreveu sua mais célebre obra - *Vidas Secas* - apontava para a necessidade de se propor políticas públicas sérias no sentido de amenizar o sofrimento dos que habitam o "seco Nordeste". O autor retrata, em seu livro, o pobre sertanejo na figura de Fabiano: um ser rústico, iletrado, passivo, como "massa de manobra", fácil de ser manipulado e subjugado.

Vidas Secas é dividido em 13 capítulos autônomos. Graciliano traduz em cada um deles, através de suas personagens, as condições de vida da maioria dos sertanejos: suas angústias, alegrias, desejos, perspectivas, etc. Com base nessas premissas é que se elaborou o presente trabalho monográfico, com vistas a analisar a realidade retratada no romance, isto é, objetivando demonstrar como a sórdida realidade vivida pela maioria da população brasileira, mais especificamente da Região Nordeste, é representada nesse romance de Graciliano Ramos

No primeiro tópico do trabalho, abordaremos os aspectos histórico-literários da obra, onde apontaremos as correntes literárias que a embasam e o contexto na qual foi escrita.

No segundo, focaremos o livro numa leitura mais profunda dos ideais do autor; esse diálogo com a obra nos permite partilhar da visão de mundo deste, bem como analisar as relações sociais, de poder e as condições subumanas de existência dos sertanejos representada no livro.

No terceiro, lançaremos um olhar mais crítico sobre as desigualdades socioeconômicas no sertão nordestino retratada em *Vidas Secas*, a partir de uma

abordagem sociocrítica e política dessa obra literária. Mostraremos como o autor desvela tais condições sociais, apresentando um “estado de miséria” que é dada como natural, mas que na verdade é “naturalizada”, ou seja, entendida como algo “natural” imposto pelos “aparelhos repressores e ideológicos do Estado”.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo promover uma discussão que visa mostrar a discriminação, o estado de subserviência do sertanejo nordestino na obra de ficcional, retratada na figura de Fabiano e sua família, na obra *Vidas Secas*.

2. AS RELAÇOES ENTRE A LITERATURA E AS REALIDADES HISTÓRICO-SOCIAIS

A literatura e os contextos histórico-sociais mantêm uma relação intrínseca, ou seja, uma influenciando direta e/ou indiretamente a outra. A literatura vem, ao longo da historia, representando verdades sociais através das suas obras de ficções.

Dessa forma, os fatos e fenômenos sociais serviram de inspiração para escritores, e a literatura, por sua vez, proporcionou a produção de textos ficcionais de todo tipo, bem como o estudo e a analise desses fenômenos. Portanto, é praticamente impossível pensar em textos literários sem considerar o contexto histórico no qual foram produzidos e a partir do qual ganham significado. Assim se entende que

> [...] a Literatura, enquanto instituição social viva, tem que ser entendida como um processo. Processo histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta, minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário. (Drummond, 1997, p.)

Assim, História e Literatura se entrecruzam, e tem no discurso do escritor o ponto de intersecção, que se materializa e dão forma ao texto. No entanto, as obras literárias não tem como função primeira retratar a realidade histórico-social tal qual como esta se apresenta. Para Aristóteles, “não é obra de um poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer, e o que é possível acontecer, segundo o que é verossímil e necessário" (Aristóteles *apud* Antonio Augusto, 2001, p. 252).

Augusto (2001, p. 252), comenta a partir disso que

> A ficção surge, portanto, no pensamento de Aristóteles, como o território da verossimilhança, ou seja, daquilo que sem ser real é possível de se crer que tenha ou possa ter acontecido. O verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de um fazer-crer, mercê do qual o artifício é tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida. Ou seja, a arte da ficção manifesta-se como arte da ilusão.

A narrativa configura-se, portanto,como produto final da relação histórica entre Literatura e historia; esta traz os traços e peculiaridades do escritor e, além disso, reflete a forma como este retrata a realidade que o cerca. No entanto, a obra literária nos apresenta uma realidade fictícia, realidade esta que se apresenta ao leitor como uma “quase-verdade”. Embora as narrativas literárias se aproximem

muito dos fatos e fenômenos reais, estas devem ser concebidas como ficção, quando se pretende *mimética*, isto é, como espelhamento do real.

O fator histórico ou sociológico, entretanto, não podem nunca ser considerados como critérios absolutos da análise no que se refere à análise do objeto estético, eles podem, sim, tornar-se um foco de análise crítica, como é bem este o caso, seguindo a observação e a recomendação de Antônio Cândido (1967, 7, *grifos nossos*):

> O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros (...). Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. *Mas nada impede que o crítico ressalte o elemento de sua preferência*, desde que o utilize como componente da estruturação da obra.

Dessa forma, o fato de o contexto social e histórico ser um dos elementos fundamentais da narrativa literária justifica, aqui, tal abordagem. Assim sendo, embora o que está escrito seja ficcional, também é um recorte social da realidade que o cerca, carregada subjetivamente do ideário de quem a escreveu, utilizada como veículo para expressar as angústias e anseios deste, e que são transmitidas ao leitor.

A literatura e realidade se entrecruzam. O real inspira o ficcional. Tal proximidade com o real induz o leitor a tomar aquilo que está escrito como "verdade". Segundo Antônio Cândido (1967, p. 4),

> O termo "verdade", quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor)

Candido ainda nos apresenta peculiaridades que tornam a obra de ficção um texto ímpar no que se refere aos demais:

> Uma das diferenças entre o texto ficcional e outros textos reside no fato de, no primeiro, as orações projetarem contextos objectuais e, através destes, seres e mundos puramente intencionais, que não se referem, a não ser de modo indireto, a seres também intencionais (onticamente autônomos), ou seja, a objetos determinados que independem do texto.
> [...]Na obra de ficção, o raio da intenção detém-se nestes seres puramente intencionais, somente se referindo de um modo indireto — e isso nem em todos os casos — a qualquer tipo de realidade extraliterária. (Candido, 1967, p. 10)

Depreende-se, assim, que a obra de ficção difere dos demais textos por ter esse propósito e que para tanto, o escritor utiliza-se de mecanismos que, ao longo da narrativa, dão forma ao texto, e que intencionalmente criam, na cabeça do leitor, abstrações sobre as personagens, contextos e cenários nas quais estas estão inseridas.

3. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DA SEGUNDA FASE DA LITERATURA MODERNISTA NO BRASIL.

O Romance de 30 marcou a segunda fase do Modernismo no Brasil, período no qual tivemos os mais importantes romances do século XX, mais especificamente dessa fase literária chamada de *neorrealista*.

Esta corrente literária surgiu na primeira metade do século XX em concomitância com importantes acontecimentos históricos, como o *crack* da Bolsa de Valores de Nova York e o fim da República Velha e da oligarquia cafeeira no Brasil. Em 1930, a história brasileira foi marcada pelo início do Estado Novo, encabeçado por Getúlio Vargas; e em 1945, com a renúncia deste ao poder – fato que ocorria simultaneamente ao fim da Segunda Guerra Mundial na Europa.

Nesse contexto histórico conturbado, surgem novas ideologias que versam sobre a real democracia, os direitos trabalhistas e a busca de maior liberdade. Todas essas ideologias influenciaram fortemente os ideais literários desse período, o que leva todas as obras desse período a ter um forte cunho crítico, isto é, a função de criticar o contexto social vigente.

José Hildebrando Dacanal (1986) corrobora afirmando que essa fase do *Modernismo* ou *Romance de 30* está direcionada por duas características principais: a de natureza técnica e a de natureza temática.

A característica de natureza temática traz como primeira particularidade a *estrutura social facilmente identificável* – estrutura econômica e a estrutura histórica são identificadas facilmente no contexto social. As obras desse período desenvolvem-se basicamente sobre a temática agrária. Neste sentido, destacam-se a trilogia *O tempo e o vento* e o romance *Incidente em Antares,* ambos de Érico Veríssimo; *Terras sem fim* de Jorge Amado; *Fogo morto* de José Lins do Rego; *O quinze* de Rachel de Queiroz, dentre outros. No entanto há, nesse período, obras que tratam do tema urbano.

Dentre as características técnicas está a *verossimilhança* – semelhança com a verdade, a realidade – característica esta herdada do Realismo[1]. O romance de 30 traz uma literatura mais contextualizada em suas obras e com profundidade mais crítica. Outra característica é a *linearidade cronológica*- não há rompimento

[1]Uma das características do romance realista é o seu poder de critica, adotando uma objetividade que faltou ao Romantismo. Grandes escritores realistas descrevem o que está errado por meio da ficção, como Machado de Assis.

temporal violento. No entanto, embora na obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, não haja uma sequência lógica evidente, ou seja, datada, depreende-se que a obra começa em uma seca e termina em outra, o que nos leva a induzir que a história ocorrera no período de um ano, isto é, de uma estiagem a outra.

Outra característica do Romance de 30 é a criação de um espaço "concreto", com base no real – não há espaço psicológico, criado na mente das personagens.

Assim, pode-se analisar a partir da introspecção das personagens, os efeitos que a sociedade e o ambiente causam nele. Percebe-se nos discursos indiretos de Fabiano, em *Vidas Secas*, quando este se questiona quanto à sua condição de ser um homem ou um bicho.

Com base em todas essas características é que se pode afirmar que encontramos traços do estilo realista no romance de 30, podendo, dessa forma, chamá-lo de *neorrealismo*. Assim sendo, as obras produzidas nesse período se distanciam das características do *Modernismo de 22,* no entanto, reafirmam algumas conquistas desta corrente literária.

Outra característica importante dessa corrente literária é *a consciência de subdesenvolvimento* e abandono da região*,* o que leva os escritores dessa época a fazerem uma crítica à sociedade vigente. Tais críticas dão-se em função da transferência das questões para o contexto literário das obras.

A última característica que se encontra nesse período é a tensão contida nesses romances, isto é, a tensão entre as personagens e a estrutura degradada da sociedade. Dessa forma, tem-se mais genericamente a tensão entre o eu (ego) e o mundo (sociedade). Assim, para ilustrar tal afirmativa, toma-se como exemplo a personagem Fabiano, de *Vidas Secas*, que vai sofrer opressões ora da natureza, ora da sociedade, sobretudo no que se refere ao abandono do Estado.

Para Alfredo Bosi (1994), há dois tipos de romances na década de 30: o *romance de tensão mínima* e o *de tensão crítica*. Os romances de tensão mínima têm como característica a proliferação de personagens secundários e pitorescos, com pouca importância para o enredo da história, enquanto que nos de tensão crítica não ocorre isso, pois apresentam somente os personagens essenciais da história e os que não são personagens principais contribuirão muito para o desenvolvimento do enredo da obra.

Dessa forma, no romance de 30, tem-se uma verdade histórica mais profunda. Segundo Bosi, “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explicitas, o seu mal-estar permanente” (BOSI, 2001, p.392).

Outro aspecto importante desse tipo de romance é a demonstração das lesões que a vida em sociedade produz no ser humano, dando às obras uma maior densidade moral.

4. CONHECENDO "*VIDAS SECAS*"

4.1. O autor

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 27 de outubro de 1892 na cidade de Quebrângulo, no sertão de Alagoas. Graciliano era filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos. Viveu os primeiros anos de sua vida em diversas cidades do Nordeste brasileiro. Concluiu o Segundo Grau em Maceió mudando-se logo em seguida para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista. Desde cedo, Graciliano já demonstrou habilidade para escrever, atuando em diversos períodos sob vários pseudônimos: criou um jornalzinho destinado a crianças denominado "Dilúculo", posteriormente redige o jornal "Echo Viçosense" no estado de Alagoas; publica na revista carioca "O Malho", assinando como Feliciano de Oliveira; colaborou com o "Jornal de Alagoas", sob o pseudônimo de Almeida Cunha, Soares de Almeida Cunha e Lambda; posteriormente, passa a escrever para "Correio de Maceió", sob o pseudônimo de Soares Lobato.

Dentre os escritores nordestinos da segunda fase do Modernismo no Brasil, Graciliano Ramos foi o que mais soube imprimir em suas obras a sórdida realidade de milhares de sertanejos. Graciliano escrevera conto e romances, tendo se destacado neste último. Assim, o romancista Graciliano buscou expressar em suas obras uma realidade global dos nordestinos e não retratar particularidades dos indivíduos que ali vivem.

Graciliano, em sua obra, apresenta as relações sociais e de poder de forma dual: na figura do patrão autoritário – poderoso, soberbo, prepotente – e do caboclo comum – homem de inteligência limitada, vítima das condições do meio natural e social, sem iniciativa, sem consciência de classe, passivo ante os poderosos, explorado socialmente e brutalizado pelo meio.

Entre outras obras, é autor de *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936). Na obra *Memórias do cárcere* (1953), relata sua experiência como prisioneiro político, em 1936, durante o governo de Getúlio Vargas.

Entre os demais ficcionistas de sua época, Graciliano destaca-se pelas suas qualidades universalistas e, sobretudo, pela linguagem enxuta, rigorosa e

conscientemente trabalhada, no que se mostra o legítimo continuador de Machado de Assis[2] na trajetória do romance brasileiro.

4.1.1. A linguagem característica/narrativa de Graciliano Ramos

Graciliano foi um dos maiores escritores brasileiros. Imprimia à suas obras características do regional associadas à ficção. No entanto, embora as obras de Graciliano evidenciem problemas característicos da Região Nordeste, como o ciclo desolador da seca e a vida itinerante do sertanejo, além da vida miserável do trabalhador, elas não se prendem somente em retratar os problemas regionais,, como é o caso das temáticas mais psicológicas e individuais de *Caetés* e *Angústia*, enquanto que em *Vidas Secas* e *São Bernardo* esse regional se torna mais evidente. Vale ressaltar que, diferentemente dos demais romances regionais de 30, nos quais os fatores do enredo – problema político, meio social e paisagem – tendem a predominar sobre as personagens, as obras de ficção do referido escritor alagoano apresenta o homem vinculado à uma realidade social, mas não ofuscado por ela.

Graciliano conduz o romance *Vidas Secas* em uma narrativa em terceira pessoa, onde o narrador é onisciente; para tanto, o autor utilizou-se do recurso narrativo do narrador heterodiegético, abordando a história sob a ótica da onisciência prismática. Dessa forma, a narrativa encontra-se permeada de discursos indiretos livres. Assim, o enredo revela ao leitor os anseios e pensamentos das personagens em monólogos interiores. Castro (1997, p.52) explica esse fenômeno prismático afirmando que

> [...] diferentemente do narrador onisciente tradicional, que vê tudo e sobre tudo, posicionando muitas vezes ostensivamente, em ***Vidas Secas***, o relato é conduzido de tal forma que o leitor entra em contato direto com a realidade, enxergando-a pelo prisma da personagem que está em cena.

O tempo na narrativa nos leva a crer que os fatos descritos em *Vidas Secas* medeiam duas secas, o que impulsiona as personagens a migrarem em busca de melhoria de vida. Embora haja referencias cronológicas na obra, o tempo é psicológico e circular. Quanto ao espaço da narrativa, isto é, em que a história é narrada, este alude ao seco sertão nordestino, o qual o autor descreve totalizador e ostensivo na obra da seguinte forma

[2]**Joaquim Maria Machado de Assis** (1839 -1908) escritor brasileiro, considerado como o maior nome da Literatura Nacional. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista, e crítico literário. Testemunhou a mudança política no país quando a República substituiu o Impérioe foi um grande comentador e relator dos eventos político-sociais de sua época.

> [...] planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. (Ramos, p. 03)

Graciliano, genialmente, utiliza-se de uma linguagem própria, na qual o leitor viaja pelo universo particular de cada personagem. Dessa forma, o autor apresenta a realidade única relativa aos personagens, mas ao mesmo tempo distinta, sob uma ótica prismática, podendo o leitor conhecer os anseios e as perspectivas de cada indivíduo envolvido na trama. Dessa forma, o autor leva os leitores a fazerem abstrações acerca da estrutura psicológica das personagens, como as de Fabiano, por exemplo, que ora tem atitudes rudes, ora ponderadas.

> [...]A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas.
> O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.
> - Anda, excomungado.
> O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.
> Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, cocou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitoria estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estomago, frio como um defunto. Ai a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. (RAMOS, 1998, pp. 9-10)

À medida que o autor explora a temática, percebemos uma sociedade que exclui, reduz, limita e expulsa, obrigando seus atores a migrarem para outras regiões em busca de melhoria de vida. Essa realidade também apresenta como quase imutável, com ciclos de crises e tormentas e, às vezes, de bonança.

As personagens de Graciliano têm papel importante na configuração da linguagem predominante no romance, haja vista que possuem vocabulário pobre e característico do sertanejo – embora algumas vezes elas comuniquem-se apenas por gestos e, não raras as vezes, por sons guturais. Segundo Bosi, a “prosa de ficção encaminhada para o “realismo bruto”de Jorge Amado, de José Lins do Rego, de Érico Veríssimo e, em parte, de Graciliano Ramos beneficiou-se amplamente da “descida” à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos. (Bosi, p. 433/434).

4.2. A obra *Vidas Secas* e sua linguagem

A obra *Vidas Secas* conta a penosa trajetória de Fabiano pelo sertão nordestino. Esse romance é dividido em 13 capítulos, mas não necessariamente em sequência; estes podem ser lidos aleatoriamente desde que o primeiro capítulo-mudança – seja lido primeiro e o décimo terceiro, por último. Do segundo capitulo ao décimo segundo podemos alterar a sequência e, ainda assim, a história continua sendo compreendida. Tal divisão se dá pelo fato de o autor nos apresentar uma família desajustada socialmente e, de certa forma, ele passa para a estrutura do romance esse desajuste. A obra está dividida em "blocos" e estes dão forma panorâmica ao sofrimento da família de Fabiano.

Assim, a história se desenvolve em torno do personagem principal – Fabiano, nordestino pobre, analfabeto, marido de sinhá vitória, pai de dois filhos e que tem como animal de estimação uma cadela. O personagem antagonista, o *Soldado Amarelo*, é corrupto, oportunista e medroso, símbolo de um Estado autoritário e repressivo; os personagens secundários – Sinhá Vitória, o menino mais velho e o menino mais novo, o dono da fazenda, o fiscal da prefeitura, a cadela Baleia, Tomás da bolandeira e seu Inácio.

Um dos capítulos mais relevantes do romance chama-se *Fabiano*, no qual a personagem se questiona sobre a sua condição de vida, como podemos ver na citação abaixo

> - Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra (RAMOS, p.18).

Frente ao exposto, percebe-se que tal questionamento se dá em função do trabalho sofrido que o protagonista fazia na labuta diária. Deste, ele conclui que não é um homem nem um bicho. Ele é um cabra. Uma espécie de homem que vive como animal. E ele pensa nos filhos, conforme o narrador discorre:

> Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto, livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas.
> Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito. ... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomas da bolandeira e que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os

> meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. (RAMOS,1998, p. 25)

Dessa forma, Fabiano fica infeliz porque sabe que os meninos terão o mesmo destino que ele, como num ciclo, e que isso jamais mudaria. Assim, este homem é concebido sob o auspício de um ser “animalizado”, isto é, incapaz de por meios próprios mudar suas condições de vida. Talvez a falta de escolaridade seja o empecilho para que tais mudanças aconteçam; isso, aliado à falta de perspectivas e ao estado de pobreza intelectual e material é que os tornam vítimas dos patrões autoritários e das forças opressivas do Estado. No entanto, o personagem Fabiano reconhece o quão é importante o conhecimento, em contrapartida, teme adquiri-lo por admitir que este possa ser “perigoso”.

Em relação à linguagem, essa falta de escolaridade de Fabiano se traduz na carência de um discurso que possa lidar com questões gerais e abstratas a ponto de poder entabular uma discussão, o que desejaria, por exemplo, para poder enfrentar verbalmente o Soldado Amarelo. Falta-lhe o poder das palavras, falta-lhe o signo, e o que lhe resta é um “silêncio essencial”. “Esta querência denota, por outro lado (...) sua condição de bárbaro irredutível a um código linguístico”, diz Manuel da Costa Pinto (2001, p. 48). Ora, tal constatação leva a uma outra consequência nessa narrativa, a imbricação entre realidade e linguagem através da redução da linguagem ao máximo de silêncio possível: “percebemos que a linguagem recobre o real de sentidos imprescindíveis – mas que também o silêncio é linguístico – e que o limite entre o mundo das palavras e o mundo das coisas é intransponível” (PINTO, 2001, p. 49).

Outro capítulo importante é *Baleia*. Nele, o autor fala sobre a cadela da família de Fabiano. Vale ressaltar que este capítulo nasceu de um conto, haja vista que a idéia primeira de Graciliano era escrever um conto e, a partir desse capítulo, ele consegue desenvolver a obra. O referido capítulo trata da história da cadelinha, e de que seus donos, por pensarem que esta estava com hidrofobia, acabam sacrificando o pequeno animal, já que Fabiano queria proteger sua família. No entanto, a cadela, antes de morrer, tem uma alucinação, na qual está em um mundo cheio de preás.

> Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (RAMOS, p.91)

Importante salientar que em *Vidas Secas*, teremos uma equalização entre o homem e o animal, a ponto de os filhos de Fabiano não terem nome: simplesmente “menino mais velho” e “menino mais novo”, e no fato de a cadela ter um nome, Baleia.

Em algum momento teremos, na obra, as crianças conversando com a cadela, não da forma com que se converse com um animal de estimação, mas em pé de igualdade, reproduzindo gestos e sons culturais como fazem os animais. Isso se dá em função da escassez intelectual no contexto das personagens. O romance apresenta as personagens como pessoas isoladas, excluídas, sem formação acadêmica e sem a mínima condição de desenvolverem suas aptidões por conta do contexto iletrado em que estão inseridos. Portanto, depreende-se que, como não conseguem desenvolverem-se sozinhos, não há possibilidade de construir uma visão crítica da realidade que os cerca, o que os torna massa de manobra, submissos.

Fabiano demonstra tal condição quando, no capítulo *Contas* ele vai até o seu patrão sabendo o quanto deveria receber – pois já havia feito as contas com Sinhá Vitória –, e acaba recebendo muito menos do que deveria receber, ficando ainda devendo ao patrão. Nisso, Fabiano, mesmo sabendo que está sendo enganado e injustiçado, acaba aceitando, pois não ousa discutir com alguém que ele considera superior.

No capítulo *Cadeia,* Fabiano é preso injustamente e é espancado por um soldado que o trata como um bandido, um marginal. Neste capítulo, Fabiano se depara com o Soldado Amarelo - personagem antagonista – que se utiliza de seu status de “autoridade policial” para oprimir e humilhar Fabiano. Graciliano utilizou-se de um jogo de palavras para caracterizar o representante opressor do Estado, símbolo da repressão e do autoritarismo, pelo qual é comandado; O soldado, no entanto, “amarela”, acovarda-se perante Fabiano quando estes se encontram sozinhos, frente a frente.

Assim sendo, todos os capítulos acima mencionados apresentam as opressões às quais a família de Fabiano é submetida: a opressão social na figura do patrão e do Estado e as opressões da natureza, pois Fabiano, sua família e seus pares são castigados impiedosamente pela seca.

No último capítulo, *A fuga,* há uma reviravolta na história quando Fabiano e sinhá Vitória levam seus filhos para o litoral. O autor conclui esse capítulo afirmando que “[...] o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos” (RAMOS, p.128).

O fato é que Fabiano e sua família não são bichos, são pessoas. O ciclo é cortado. A obra *Vidas Secas* é o único livro de Graciliano Ramos que traz uma visão esperançosa da vida. Além disso, narra o fenômeno histórico importante para o Brasil: a passagem de uma era eminentemente rural para outra essencialmente urbana, movida pelo progresso e pelo processo de industrialização brasileira. Tal fato constituiu-se numa mudança sociocultural e econômica na vida dos brasileiros.

Pode-se, assim, concluir com Pinto (2001, p. 46), que

> Construída sobre uma “estrutura desmontável”, sobre uma série de contos da cena agreste, *Vidas Secas* é a consumação formal de uma percepção de mundo na qual o sofrimento psicológico, a carência material e a gratuidade do poder estão na superfície dolorosa, mas harmônica, em que homem e paisagem se confundem. Graciliano parece chegar a uma metafísica da danação do homem na terra, encerrando atavismo e sociabilidade num mesmo veio primitivo, cuja força se faz sentir nas falhas sempre perceptíveis do tecido da civilização.

5. A REPRESENTAÇAO CRÍTICA DA CONDIÇAO EXISTENCIAL E SOCIAL DO NORDESTINO EM *VIDAS SECAS*

A seca constitui um problema social que há anos assombra a população do Nordeste brasileiro; entre outros fatores, os aspectos climáticos do sertão nordestino contribuem para o aumento da temperatura.

Dessa forma, a seca, além de ser um problema climático, é uma situação que gera dificuldades para as pessoas que lá habitam, haja vista que, com a falta de água, torna-se difícil o desenvolvimento da agricultura e a criação de animais e, por conseguinte, a permanência do homem no campo.

A seca no Nordeste fora abordada em inúmeras obras por vários escritores brasileiros, dentre eles, Graciliano Ramos (1892- 1953), nordestino, brasileiro, que escrevera seu mais notável livro *Vidas Secas* (1938) pautado na sórdida realidade dos sertanejos. Em comparação dessa realidade mostrada por Graciliano com a realidade construída por, por exemplo, Guimarães Rosa, Bosi corrobora dizendo que

> O pobre construído pelo Graciliano de *Vidas Secas* tão-só com as pedras da necessidade não se repetirá, tal e qual, nos viventes do sertão mineiro plasmado pela fantasia poética de Guimarães Rosa. A oposição entre os dois olhares é às vezes tão drástica que quase poderia exprimir, como tentei fazê-lo certa vez, recorrendo a figuras extremas do inferno e do céu. (BOSI, p. 258, 2002)

Graciliano retrata no livro *Vidas Secas* os problemas sociais da época e que se perpetuam até os dias atuais, em especial no que confere à seca no Nordeste em função da falta de políticas públicas sérias no sentido de amenizar e/ou resolver esse estigma social, diminuindo, assim, as desigualdades socioeconômicas.

Na obra, Fabiano e sua família são castigados impetuosamente pela seca, o que os impulsionam constantemente a migrarem de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida. Graciliano retrata muito bem a peregrinação desses nordestinos no seco sertão quando, em seu livro expõe que

> Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousando bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procurava uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. [...] Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. (RAMOS, 1998, p.03)

Dessa forma, depreende-se que estes, muitas vezes, precisavam andar durante horas e/ou até dias, sob o sol e o calor forte em busca de “melhoria de vida”. A falta de recursos econômicos gera fome e miséria no sertão nordestino; frente a isto, a desesperança e a falta de perspectivas obriga a família de Fabiano a medidas “desesperadas”.

> Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, a beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. (Ramos, 1998, p.4)

Dessa forma, Fabiano e sua família,assim como a maioria dos habitantes do sertão nordestino, tornaram-se vítimas das intempéries climáticas, sendo submetidos à alimentação precária e ao consumo de água de péssima qualidade.

No entanto, Graciliano Ramos, através do romance *Vidas Secas* nos remete a uma dimensão mais ampla da desigualdade: a subserviência e a escravidão enquanto paroxismo da exclusão – a condição dos emigrantes, na obra, é um exemplo eloquente disso.

> [...] viera a trovoada.
> E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos resmungando, cocando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas do ferro.
> Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. (Ramos, 1998, p.9)

Não obstante esse breve momento de um aparente sucesso, se revelará num contexto maior de ironia que chega a ser trágica, naquele sentimento profundo que transmite Graciliano, de que, nessa realidade, “a norma é o mal” (CÂNDIDO apud PINTO, 2001, p. 47).

Sem condições econômicas e “sem teto”, o trabalhador – Fabiano - não tem condições de impor ao patrão uma distribuição igual dos ganhos do trabalho. A falta de formação escolar reduz as personagens a meros expectadores de suas vidas; isto representa um imenso obstáculo para uma repartição menos iníqua da riqueza. Os desmandos do patrão e o estado de subserviência do subordinado realçam esse cenário mórbido, conforme explicita o autor

> O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha a fazenda, só botava os pés nela pra achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? [...] Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste,

> seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fabrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse. (Ramos, 1998, p.11)

Nestas condições, as camadas mais pobres da Região Nordeste além de estarem inteiramente vulneráveis ao fenômeno climático e aos condicionantes geográficos sujeitam-se a humilhações diversas por parte de seus empregadores, por não terem condições subjetivas e objetivas de fazer valer sua cidadania. Tal estado de submissão reproduz-se, cotidianamente, com muitos “Fabianos” e “Sinhás Vitórias” perdurando até os dias de hoje.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de *Vidas Secas* representa enfrentar uma complexidade que não se pode encontrar em qualquer obra. Trata-se na verdade de um romance onde não somente a terra é considerada seca, mas também, juntamente com a linguagem, que é a própria "mostração" dessa realidade, os sentimentos, os sonhos, as pessoas, as relações entre as pessoas, as vidas, enfim, tudo o quanto vem a existir neste "universo paralelo" criado por Graciliano Ramos torna-se árido. Portanto, ponderar sobre este romance e a genialidade de seu autor requer muito mais do que lançar um olhar sobre a obra, mas sim conhecer todo o contexto histórico-social e linguístico-cultural do qual ela se manifesta como escritura.

Graciliano retrata um sistema social de extrema desigualdade; uma dicotomia entre o mundo dos letrados e dos iletrados, onde o primeiro exerce domínio sobre o segundo, subjugando-o.

A representação do nordestino na obra nos remete à uma realidade remota da historia brasileira e que perdura através dos tempos até os dias de hoje. O sertanejo ainda é, por falta de políticas publicas consistentes, vitima das intempéries da natureza e pela desigualdade sociocultural e econômica.

As personagens da trama vivenciam experiências particulares: experienciam fatos e experimentam sensações e sentimentos que contribuem para a construção do universo particular de cada uma. Embora, a obra *Vidas Secas* estabeleça uma estreita relação com o real, esta se configura apenas como obra de ficção, permeada pelas percepções do real subjacentes ao autor.

Não tencionamos aqui esgotar exaustivamente essa temática, haja vista que tal obra literária abre um leque de possibilidades a serem estudadas e analisadas. Apenas fazemos alusão ao fato de que *Vidas Secas* desperta uma gama de sensações no leitor que, a partir da sua leitura, lançará um novo olhar sobre os problemas sociais – da fome, da seca, do estado de estrema miséria de milhões de brasileiros e do analfabetismo – condições estas que resultam num ciclo de abandono social e de descaso.

Embora muito tenha sido feito para melhorar as condições de vidas dos nordestinos, isso vem acontecendo de forma emergencial e pouco efetiva, pois a permanência das camadas sociais menos favorecidas na dependência e na ignorância e, em especial, o secular caso nordestino, não é mero acaso, muito menos um fenômeno natural, como pretende inculcar-nos certa ideologia: é o que as

tem tornado, ano após ano, “massa de manobra”, e o Nordeste um “celeiro” eleitoral para políticos corruptos e inescrupulosos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da Poesia. In: **Poesia Completa & Prosa**. 4 ed. Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1977.

BARROS, Lourival de Holanda. **Sob o signo do silêncio**. São Paulo: Edusp, 1992.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2. ed., 1975.

_____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **A Personagem de Ficção.** São Paulo**:** Editora Perspectiva, 2 ed., ***1967***.

CASTRO, Dácio Antônio de. **Roteiro de leitura: *Vidas Secas*** de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997.

DACANAL, José Hildebrando. **O Romance de 30**. São Paulo: Leitura, 3 ed., 2003.

_____. **Romances Brasileiros II: Contexto, Enredo e Comentário Crítico**. Rio Grande do Sul: Novo Século, 2001.

PINTO, Manuel da Costa. Os cárceres da linguagem. In: **CULT**: Revista brasileira de Cultura, n 41. Ano IV. São Paulo: Lemos Editorial, janeiro/2001.

RAMOS, Graciliano. ***Vidas Secas***. Rio de Janeiro: Recorde, 1998.